

Pandemia e crescimento econômico chinês: novos pretextos para a velha sinofobia

Daniel Bicudo Vêras¹

Resumo: Este trabalho é uma análise sobre o aumento de crimes, injúrias e ações governamentais com motivação xenofóbica contra chineses, um fenômeno relacionado a recentes mudanças na geopolítica mundial. Sem ignorar o racismo antigo e estrutural do Ocidente, a ascensão econômica da China e a pandemia de covid-19 se tornam novos motivadores da sinofobia, como forma de reação liderada pelos EUA e replicada a diversos países, inclusive o Brasil. Estes fatos, bem como declarações de autoridades do Brasil e dos EUA, sugerem que tal forma de sinofobia seja uma reação a um nascente mundo multipolar, em que a China será a economia número 1.

Palavras-chave: Sinofobia. Brasil. China. Multipolaridade. Imigração. Política.

Pandemic and Chinese economic growth: new pretexts for the old Sinophobia

Abstract: This paper is an analysis on the increase of crimes and governmental actions with xenophobic motivation against the Chinese, a phenomenon related to recent changes in world geopolitics. Without ignoring the ancient and structural racism of the West, the economic rise of China and the covid-19 pandemic have become new motivators of Sinophobia, as a form of reaction led by the USA and replicated in several countries, including Brazil. These facts, as well as statements by Brazilian and US officials, suggest that this form of Sinophobia is a reaction to a nascent multipolar world, in which China will be the No. 1 economy.

Keywords: Sinophobia. Brazil. China. Multipolarity. Immigration. Politics.

Pandemia y crecimiento económico chino: nuevos pretextos para la vieja sinofobia

¹ Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: d_veras@hotmail.com

Resumen: Este es un análisis sobre el aumento de crímenes y acciones gubernamentales con motivación xenófoba contra chinos, fenómeno relacionado con los cambios recientes en la geopolítica mundial. Sin desconocer el estructural racismo de Occidente, el ascenso económico de China y la pandemia del covid-19 se convierten en nuevos motivadores de la sinofobia, como reacción liderada por EE.UU. y replicada en varios países, incluido Brasil. Estos hechos, así como las declaraciones de autoridades brasileñas y estadounidenses, sugieren que la sinofobia es una reacción a un mundo multipolar naciente, en el que China será la economía número uno.

Palabras clave: Sinofobia. Brasil. China. Multipolaridad. Inmigración. Política.

Introdução: crimes de ódio na pandemia

A pandemia de covid-19 se inicia em 2019 na China e passa a ocorrer em outros países no início de 2020, como foi o caso do Brasil. Nos países ocidentais, o ódio a asiáticos aumentou, resultando em crimes, e pode-se dizer que veículos de imprensa destes países contribuíram muito para isto. Steenhagen (2020-2021) faz uma análise de como os meios de comunicação apresentaram a situação naquela ocasião. Enquanto ações dos governos ocidentais contavam com tolerância e boa vontade, retratados como zelosos e cuidadosos com a população, as ações chinesas só mereciam crítica e desconfiança. O autor exemplifica como isto se dá dentro do mesmo veículo. No caso, era possível encontrar no *The New York Times* de março de 2020 as afirmações: "China pode estar derrotando o coronavírus, mas a dolorosos custos" (QIN, 2020), e "Itália anuncia restrições por todo o país em tentativa de parar o coronavírus" (HOROWITZ, 2020). Assim, enquanto um é "regime autoritário", o outro é "Estado moderno europeu".

O *Pew Research Center* fez um levantamento sobre a imagem negativa da China por parte de países desenvolvidos. Entre os resultados, concluiu-se que 86% da população do Japão tem opiniões desfavoráveis sobre a China. Na Suécia, o número chega a 85% e na Austrália, a 81%. Nos Estados Unidos, 74% da população tem opinião negativa sobre a China, o que é um recorde desde 2002, início da consulta pública (SILVER, DEVLIN, HUANG, 2020). Neste país em particular, saltos quantitativos têm sido observados

desde 2017, e a presidência de Donald Trump tem sido identificada como fator decisivo para este aumento.

Desde março de 2020, no início da quarentena pela pandemia de covid-19, milhares de asiáticos e descendentes nos EUA têm enfrentado preconceitos e hostilidades. De acordo com a entidade *Stop AAPI Hate*, entre 19 de março de 2020 e 31 de março de 2022, ocorreu um total de 11.500 incidentes neste sentido, envolvendo asiáticos, nativos de ilhas do Pacífico e descendentes. Mesmo que, de acordo com as leis estadunidenses, as agressões não se qualifiquem como crimes, o assédio é o principal problema. Destes 11.500 acontecimentos, 67% foram assédios, gestos inapropriados e discurso de ódio tanto verbal quanto escrito.

Além da identidade asiática, tais agressões têm como alvo identidades adicionais das vítimas, apresentando também machismo, homofobia (o que inclui ataques a identidades não-binárias e LGBTQIA+ como um todo) e etarismo. Entre os entrevistados pela *Stop AAPI Hate*, 32% temiam por seus filhos em espaços não-supervisionados, tais como o caminho para a escola. A entidade chega à conclusão de que o ódio ocorre em todos os lugares, seja em cidades pequenas ou grandes, seja em grandes enclaves de asiáticos seja em comunidades muito reduzidas (*Stop AAPI Hate*, 2022).

Além dos numerosos ataques verbais, entram nesta contagem também atos de desprezo, ataques físicos, violações aos direitos civis, como discriminação em ambiente de trabalho ou a recusa em servir clientes no comércio. Além disso, assédio *online*. Grande parte das vítimas de ataques são mulheres, e entre cidadãos e descendentes, pessoas oriundas da China são as mais atacadas, seguidas por aquelas da Coreia e por fim, das Filipinas.

² AAPI quer dizer *Asian American and Pacific Islanders*, ou numa tradução livre, asiáticos-americanos e oriundos de ilhas do Pacífico. A *Stop AAPI Hate* foi formada em março de 2020 em resposta aos ataques gerados a partir de percepções negativas sobre asiáticos após o fato de o primeiro epicentro da covid-19 ser Wuhan, na China. A partir daí têm sido coletados registros deste tipo de crime.

Em março de 2021, oito pessoas foram assassinadas a tiros num salão de massagem em Atlanta, Geórgia, EUA. Entre elas, seis mulheres asiáticas. Para escapar das acusações de crime de ódio, o assassino alegou obsessão sexual por mulheres asiáticas. Por estes e outros episódios, a entidade *Stop AAPI Hate* pede colaboração do governo dos EUA para conter a onda de crimes. Houve também investidas sexuais que, quando recusadas, explodiram em gritos e xingamentos, tais como "Volta pra Ásia!", acompanhados de palavras de baixo calão. Tem crescido o repúdio da sociedade estadunidense a estes ataques, como a indignação da população de Nova York por causa dos ataques a idosos. Cada vez mais, cidadãos têm filmado os ataques das chamadas "Karens"³, que têm como modelo o ex-presidente americano Donald Trump e demais lideranças, que popularizaram as expressões "kung flu" e "vírus chinês". Tudo isto tem contribuído para um crescente mal-estar e desconforto de asiáticos-americanos na presença de outros desde o começo da pandemia. Sentimentos de vergonha os impedem de até mesmo abraçar suas tradições em público.

Dados do *Center for the Study of Hate and Extremism* (2020) dão conta do aumento de crimes de ódio contra asiáticos denunciados à Polícia nas principais cidades dos EUA entre 2019 e 2020, que foi de 145%. Se em 2019 ocorreram 49 denúncias, no ano seguinte chegaram a 120. Russell Jeung, cofundador da *Stop AAPI Hate*, ressalta a importância de não ficar em silêncio, e não ter medo. Percebe-se o grupo de asiáticos como alvo quando se constata que, enquanto o crime de ódio em geral reduziu 6% de 2019 a 2020, os mesmos tipos de crimes contra asiáticos no período cresceram 145%.

³ Nos EUA, o termo "Karen" jocosamente descreve uma típica mulher branca, WASP, de meia idade ou idosa, que implica com toda e qualquer minoria da sociedade. Dona de uma típica indumentária (abrigo esportivo e cabelo curto), uma "Karen" dirige ameaças, ofensas e impropérios a grupos minorizados, muitas vezes tentando expulsá-los de espaços públicos. As "Karens" são constantemente flagradas em numerosos vídeos de celular viralizados na internet.

Há que se lembrar, entretanto, que preconceito contra asiáticos não é algo novo na história dos EUA. Lá, durante a II Guerra Mundial, houve campos de encarceramento para imigrantes japoneses, e mesmo os chineses, que não eram inimigos formais dos EUA, foram submetidos a vigilância, também. Antes até, no século XIX, os imigrantes chineses que construíram estradas de ferro eram tratados como cidadãos de segunda classe, e chegaram a sofrer proibição de imigrar para os EUA por dez anos, com o *Chinese Restriction Act*, de 1882.

Embora o Brasil não tenha contado com um levantamento tão sistematizado quanto o dos EUA, aqui a imprensa local dá conta de episódios envolvendo postagens ofensivas em redes sociais, agressões a chineses no metrô de São Paulo, álcool atirado sobre o rosto de chineses, dentre outros. Não coincidentemente, tais agressões se seguem a declarações de autoridades do governo brasileiro, pejorativas a asiáticos, em especial a chineses. Além de declarações infundadas do chanceler à época, Ernesto Araújo, em 2020 o então ministro da educação Abraham Weintraub, insinuou em um post em redes sociais que a China ganhava com a pandemia, ainda por cima caçoando de um suposto sotaque chinês. Ainda por meses subsequentes, o presidente Bolsonaro continuou reforçando a mesma ideia.

Em vários países, movimentou-se a hashtag #EuNãoSouUmVírus tendo em vista todos os ataques sofridos pela população asiática por haver uma responsabilização dela pela pandemia de covid-19, algo alimentado por governos, imprensa e fábricas de notícias falsas. Em São Paulo, o Instituto Sociocultural Brasil China (Ibrachina) lançou o Observatório do Coronavírus, atualizando informações e combatendo as *fake news*, que, aliás, foram muitas. Visando a proteger os cidadãos de origem asiática, o Instituto criou uma central de denúncias.

Diante do exposto, esta análise se inicia ressaltando o aumento de crimes de ódio desde o início da pandemia (desde 2020), tendo também o governo de Donald Trump nos EUA (2017-2021) como marco do aumento destas ocorrências. Entidades estadunidenses como a *Stop AAPI Hate* (2022) têm dados mais

sistematizados sobre isto do que as brasileiras, como a Ibrachina, que possuía apenas um canal de denúncia e que tinha finalidades outras que a denúncia desse tipo de crime. Entretanto, há crimes relatados no Brasil também. Aqui analisamos a influência da política sobre estes crimes. Especialmente no caso dos EUA, está patente um forte componente estrutural de transformação da economia mundial, cujo topo será ocupado pela China em poucos anos. Posteriormente, aqui apresentam-se brevemente diferenças entre a cosmovisão chinesa e aquela dos chamados países ocidentais, o que prepara o terreno para analisarmos diversos encontros culturais: o advento do colonialismo e da exploração de mão-de-obra chinesa por parte do Ocidente e as migrações de chineses para o Brasil. Isto nos dá maior clareza sobre processos como os choques culturais, a construção do estereótipo orientalista e as especificidades do racismo sofrido por asiáticos. Como a recente onda de xenofobia encontra um aumento após ações políticas nos EUA, sobretudo após a pandemia de covid-19, são analisadas as ações governamentais anti-China por parte dos EUA, que encontram eco na atuação do governo brasileiro entre 2019 e 2022. Em meio a estes processos, a diplomacia chinesa tem apresentado mudanças, passando de um comportamento tradicional de preservação de face e harmonia para respostas assertivas às agressões ocidentais. Este trabalho dedica atenção a estes pontos em sua análise, por fim resgatando motivações econômicas e compartilhando conclusões e bibliografia utilizada para referências.

Diferentes cosmovisões, encontros culturais e o olhar ocidental sobre o outro

Atritos na comunicação entre chineses e ocidentais advêm de diferenças culturais. Como descreve François Jullien (1998), as vias indiretas do sentido e a alusão são formas de comunicação (CARVALHO, 2005). Ademais, para se entender os sentidos pretendidos é necessário um longo tempo de aprendizado sobre a cultura como um todo, o que Hall (1976) qualifica como cultura de alto contexto. O Brasil também o é, embora em menor medida.

Brasileiros e chineses, assim, precisam investir um longo tempo aprendendo sobre suas culturas para se compreender melhor. Essas são algumas características pouco compreendidas sobre os chineses, que podem levar a mal-entendidos, choques culturais, estereotipações e até conflitos. O que se evidencia é um Ocidente pouco disposto a compreender e contornar as diferenças. Ademais, Said (2003) já alertara para os perigos do pensamento ocidental sobre o Oriente, que sempre cedeu a simplificações, generalizações e hierarquizações. Muitas das noções que o Ocidente tem sobre o Oriente advêm de antropólogos de gabinete, ou relatos desestruturados de viajantes. Como nefasta consequência, desinformação e ruídos acabam por adquirir status de ciência, aquilo que Said chama de Orientalismo. Obviamente, é uma noção homogeneizante e simplificadora de um grande continente como a Ásia. Alguns autores trabalham a noção de *Chineseness*, como um tipo de Orientalismo específico sobre cultura chinesa (por vezes esta noção aparece de maneira positiva, como uma autoafirmação do caráter chinês). A justificativa do imperialismo na Ásia se coloca como motivadora da construção dos estereótipos orientalistas.

Mesmo o Brasil, que foi vítima de processo similar, acaba perpetrando o mesmo preconceito. Este país, que hoje se vê como parte do Ocidente, já foi descrito como um purgatório com criaturas fantásticas por viajantes europeus durante a colonização, conforme descrito por Laura de Mello e Souza (1986). Para a América Latina como um todo, o agravante é que são sociedades com fortes matrizes culturais importadas da Europa, o que contribui para um senso de autodepreciação e inadequação.

Como apontado por Montero (1997), o Ocidente apresenta tendência de definir o outro por sua suposta inferioridade. É sempre buscar definir este outro por aquilo que lhe falta. As noções ocidentais de "bárbaro", "pagão", "selvagem" e "primitivo" apresentam esta conotação. Por exemplo, na Antiguidade Clássica, os gregos (e posteriormente os romanos) chamavam de "bárbaros" aqueles povos considerados "sem lei", contrapostos à "civilização". Posteriormente, com a ascensão da Igreja Católica, são chamados "pagãos" aqueles povos ou indivíduos "sem

religião" (ou seja, não-batizados), o que reforça a ampla catequização como correção deste mal. A partir dos encontros coloniais após o século XVI, a noção de "selvagem" sempre envolve forte reação: ora repulsa pelos hábitos diferentes, ora fascinação pela inocência ou mito do "bom selvagem" de Rousseau. Contudo, o que está aqui dado é que os povos encontrados pelos europeus nessas ocasiões são diferentes deles em natureza. Por fim, a noção de "primitivo" reconhece que todos são seres humanos da mesma natureza, mas que todos seguem uma escala evolutiva cujo topo está ocupado pela Europa, e os "primitivos" são aqueles que "ainda" não subiram os mesmos degraus inevitáveis para se chegar ao ideal ocidental, que é este topo.

No contexto brasileiro, os chineses têm sido presentes há séculos. Já na época do Brasil-Colônia os portugueses promoviam o intercâmbio entre o Brasil, Angola, Moçambique, Índia (especialmente Goa), China (portos de Macau e Ningbo) e Japão. A dupla missão portuguesa, comercial e civilizatória (leia-se, colonial, católica e catequizadora), promovia intensa troca de pessoas, mercadorias, espécies animais e vegetais, ciência e tecnologia, entre essas regiões. Como ressaltara Teixeira Leite (1999), a presença chinesa no Brasil desde esta época influenciou em muito os costumes, artes, arquitetura, dieta, dentre outros aspectos, do Brasil, país que é um ponto privilegiado nas Américas de entrada de cultura chinesa, por causa destes movimentos.

Mesmo que de forma incipiente, o ano de 1812 foi considerado um marco na imigração chinesa para o Brasil, pois foi quando o rei de Portugal, D. João VI, mandou trazer chineses para o Jardim Botânico do Rio de Janeiro para o cultivo de chá. Malsucedida, a experiência resultou em fugas e suicídios devido às insatisfatórias condições de trabalho. Já o restante do século XIX foi marcado por outras tentativas de se trazer trabalhadores chineses ao Brasil, com a realização de missões diplomáticas dos dois lados com esta finalidade, mas que, ao fim e ao cabo, não frutificaram. Os maus tratos eram dedicados aos trabalhadores não-brancos em geral, mas as elites brasileiras olhavam com maior favor para a vinda de trabalhadores chineses. Estes, no Brasil do século XIX, nunca

passaram de 2-3 mil imigrantes, à medida que a decadente Dinastia Qing recebia relatos de maus tratos aos trabalhadores no Brasil. Assim, a iniciativa *coolie*, tão amplamente usada na Austrália, na África do Sul, na América do Norte e mesmo em países próximos como Chile e Peru, não vingou por aqui. *Coolie* é um termo pejorativo para designar mão-de-obra asiática com salários baixos, em alguns casos em substituição a trabalhadores escravizados de origem africana. Segundo Yang (1974), o termo se origina do idioma guzerate, a partir daí dando origem ao termo *kuli* da religião hindu. Neste contexto o termo se refere aos sudras, a quarta casta, que são os pescadores e trabalhadores agrícolas. Transposto para a língua inglesa, o termo ganha a grafia *coolie*, designando uma massa móvel de trabalhadores assalariados, ora indianos, ora chineses, que serviram a sociedades longínquas como as das Américas, por exemplo. Assim como demais grupos escravizados modernos, foram comercializados e traficados, sobretudo por portugueses e ingleses, que competiam entre si. O comércio *coolie* durou oficialmente entre 1810 e 1920, movimentando mais de 20 milhões de trabalhadores (YANG, 1974). No Chile, África do Sul e Austrália, exerceram atividade mineradora. Nos EUA (estradas de ferro) e Panamá (o Grande Canal), envolveram-se em grandes obras e construções. Em Cuba e Guiana Inglesa, eram agricultores, e no Peru, extratores de guano (matéria orgânica de gaiotas).

Com a intenção de "branquear a população", as elites do Brasil estavam mergulhadas nos debates raciais do século XIX. Alimentados por teorias raciais de Arthur de Gobineau, de Blumenbach, do darwinismo social de Spencer, que chegavam a hierarquizar raças (logicamente com o branco europeu no topo), setores da elite econômica aderiam a ideais eugenistas. O privilégio seria dado ao branco europeu, que nem sempre aceitava as condições de trabalho, por vezes vindo com mentalidade transformada pelos movimentos sociais da época. Ainda que desafiassem o ideal racial da classe patronal brasileira, os chineses estavam em posição intermediária na hierarquia racial supostamente científica, acima dos negros africanos. Um intenso debate da época foi abordado nas obras de Czepula (2022) e Peres (2022). A xenofobia não só é

antiga no Brasil, como também moldou a visão sobre todos aqueles que não são brancos. A peculiar situação dos asiáticos tem sido objeto de estudo de Lesser, (2001), que ressaltou o quanto o grupo tem tido que negociar sua identidade como brasileiros.

Outro marco na imigração chinesa para o Brasil é o 15 de agosto de 1900, em que atracou no Brasil o vapor Malange, vindo de Lisboa, marcando entrada oficial de 119 chineses, homens solteiros, entre 20 e 40 anos para trabalhar nas fazendas de café de São Paulo, estado que oficializou a data como efeméride comemorativa. Contudo, na realidade nenhuma dessas datas é significativa para explicar a comunidade sino-brasileira. A maioria dos chineses no Brasil veio posteriormente, por iniciativas individuais e familiares, e com caráter altamente urbano e empreendedor, perfazendo um grupo de mais de 200.000 pessoas.

No Brasil, o paradigma de imigração asiática é, na verdade, japonês. Após tentativas frustradas de se trazerem chineses, o governo brasileiro recorreu aos trabalhadores japoneses, e o *Kasato Maru* chegou ao porto de Santos em 1908, dando início à formação do maior grupo asiático-brasileiro. Hoje em dia, a comunidade Nikkei no Brasil é formada de 1,5 milhão de pessoas, entre japoneses e descendentes. Assim, japoneses, chineses e coreanos são os maiores grupos de imigração asiática no Brasil. Entretanto, enquanto chineses e coreanos continuam a vir ao Brasil, a imigração japonesa teve seus picos encerrados entre os anos de 1950 e 1960. A região Sudeste do Brasil, sobretudo o estado de São Paulo, se consolidou como grande receptora de asiáticos no Brasil.

As imigrações asiáticas no Brasil são bastante heterogêneas. Enquanto a imigração japonesa foi bastante estruturada e massiva, contando com apoio governamental e tendo marcado a economia do café, a chinesa, por sua vez, dependeu quase que exclusivamente de iniciativas individuais ou familiares, em ondas desconexas. E, dentro do grupo chinês, as identidades das províncias locais falam mais alto. Taiwaneses e chineses continentais, por exemplo, chegam com passaportes diferentes. Desta forma, além de Taiwan, a China meridional em geral é a que imprime a sua maior marca na comunidade sino-brasileira, com destaque para Guangdong,

Zhejiang e Fujian, e, em menor medida, Macau. Muitos chineses vieram via Moçambique, também, fazendo com que chegassem com passaportes deste país ou mesmo de Portugal. Pesquisando interações entre chineses e brasileiros no século XXI, Peixoto (2019) analisa a construção discursiva de narrativas envolvendo os dois lados. Sobre a representação de chineses, chega-se à conclusão de que no paradigma orientalista ocorrem simulacros culturais estanques, tendo as relações de poder e desigualdade importância em tal construção.

Na sociedade brasileira o asiático ocupa uma particular posição. É claramente vítima de racismo, ao mesmo tempo em que é visto como "minorias modelo". Esta é uma noção surgida nos EUA para diferenciar certos grupos de imigrantes, referindo-se a uma comunidade cujos membros são percebidos como possuidores de certo grau de sucesso socioeconômico, maior escolaridade, ocupações gerenciais e estabilidade familiar. Por exemplo, asiáticos e judeus, tidos como bons, produtivos e obedientes. Contudo, uma consequência disto é que, por exclusão, a outros grupos como afro-americanos, hispânicos e latinos resta a reputação de serem propensos ao crime e dependentes de políticas de bem-estar governamentais. Já que o primeiro grupo supostamente "deu certo", conclui-se que o segundo "deu errado". Assim, no discurso da meritocracia a existência de grupos de não-brancos bem-sucedidos serve para culpar demais não-brancos por sua própria situação precária.

O termo "minorias modelo" já aparecia em 1966, em artigo do *New York Times* acerca do sucesso dos japoneses nos negócios dos EUA (Pettersen, 1966). Entretanto, como aponta Wu (2014), a noção surge já na II Guerra, quando liberais dos EUA já queriam investigar quem eram as minorias "louváveis", economicamente ativas, politicamente inofensivas e sobretudo não-negras. Para Sayuri (2017), tais estereótipos constituem um mito pernicioso, pois, além de polarizarem asiáticos contra negros, fortalecem o discurso da meritocracia e homogeneizam asiáticos. Estes, por exemplo, têm muitas desigualdades internas. De acordo com o Center for American Progress (2016), há mais disparidade interna

entre asiáticos do que entre os brancos em termos de renda. O estereótipo é um fardo, principalmente para quem não se encaixa (por exemplo, asiáticos gays, asiáticos de esquerda, asiáticos que não são bons em ciências exatas, etc.). O resultado é a negação das diversas individualidades existentes. Ademais, o fato de existir um estereótipo supostamente "positivo" sobre o asiático não o livra de sofrer racismo. Nos Estados Unidos, Chou e Feagin (2008) reúnem relatos de casos de racismo sofridos por asiáticos nos EUA, assim designando a minoria modelo como um mito. Discriminação, brincadeiras e hostilidade estão presentes. Como são tidos como "tranquilos", os asiáticos se tornam alvos fáceis para insultos e assédios, e nos EUA 33% dos asiáticos desistem dos estudos no ensino médio. Problemas de saúde mental também ocorrem, e como asiáticos não denunciam, o controle institucionalizado pelos brancos é endossado.

No Brasil, Dezem (2005) e Lesser (2015) também tocaram na questão da minoria modelo. Enquanto o primeiro reconstrói a gênese dos discursos sobre orientais no Brasil desde o século XIX, o último destaca o processo de construção da brasilidade e todas as negociações nele envolvidas. Para Lesser (2015), a ascensão econômica, o acesso a profissões valorizadas e lugares de destaque mudam as percepções e dão meios para grupos de imigrantes barganharem um espaço na constituição da identidade nacional brasileira. Ao mesmo tempo, tais grupos continuam sendo referidos como "árabes", "japoneses", "chineses", por exemplo. Enquanto a etnicidade ainda marca a diferença, o pertencimento destes grupos ao "ser brasileiro" está sempre sendo negociado.

Recentemente, o bairro da Liberdade, em São Paulo, se converteu em palco de disputas culturais. Além de a estação de metrô local ter sido rebatizada de "Japão Liberdade", o que apaga a forte herança africana do bairro (até anterior à asiática), houve tentativa de banir comidas nordestinas e de matriz africana da feira dominical do bairro. Processo semelhante está a se passar no Bom Retiro, também na capital paulista, que querem vender como "pequena Coreia", obliterando a história judaica, boliviana, entre

outras que foram ali escritas. Em ambos os casos, há a interferência do ex-governador do estado João Doria Jr.

Tudo isto, entretanto, escamoteia o racismo sofrido por asiáticos. Nada confere aos asiáticos a mesma centralidade dos europeus na construção de um ideal de identidade. O Brasil, embora multiétnico e racialmente diverso, ainda tem a branquitude como parâmetro. Mesmo que asiáticos tentem se associar aos brancos e mesmo adotar práticas racistas de rechaço aos negros (o que não deixa de acontecer), não conseguem se libertar da estereotipação e fetichização na sociedade brasileira. O fenótipo lhes confere a condição de eternos estrangeiros, tratados como se não falassem português, não importando se nasceram no Brasil ou não. Em espaços públicos, pessoas aleatórias se sentem no direito de fazer piadas com eles, e mesmo dizer com ódio: "Volta para o seu país". O Brasil, que sempre se orgulha da hospitalidade e diversidade, constantemente retira dos asiáticos e descendentes sua identidade e individualidade. É um grupo racializado no coletivo.

Apesar de todos os problemas, hoje em dia, a internet e as redes sociais têm o potencial de combatê-los. Nas páginas de coletivos asiáticos-brasileiros, as novas gerações de descendentes trazem discussão e construção ativa de identidade. Desde 2016, a página *Yo Ban Boo* (2023) traz discussões importantes a este respeito. Há também o canal Normose (2023), e muitas outras páginas que trazem conhecimento sobre as culturas de asiáticos e descendentes, uma ação estratégica na eliminação de preconceitos.

O governo estadunidense: ações anti-china

Do governo dos EUA partiram ações como represálias, discurso e ações de culpabilização à China (não só pela pandemia, como também uma geração de desconfiança em relação à tecnologia 5G da China). Sobretudo na gestão Trump, os EUA adotaram uma política de unilateralismo, no intuito de enfraquecer as instituições internacionais democratizadoras do ambiente internacional. O país não só tentou desacreditar a OMS sistematicamente, cortando doações, como também chegou mesmo

a retirar-se da UNESCO. Instituições chinesas, como os Institutos Confúcio e a empresa Huawei, ficaram sob suspeita. Países europeus e os EUA demonstraram uma capacidade muito pobre de conter a pandemia, atingindo picos de mortos, só nos EUA um milhão.

Obviamente, os EUA contribuíram para o clima desfavorável sobre todas as nações emergentes e que possam constituir-se em potências autônomas, procurando esvaziar os BRICS, por exemplo. No caso brasileiro, conseguiu, uma vez que a gestão Bolsonaro deu as costas ao acrônimo, bem como à Unasul e ao Mercosul. Acusações e notícias falsas não faltaram, replicadas por Whatsapp, fabricadas e alimentadas por uma indústria milionária chefiada por Steve Bannon. Este começara como apoiador "não-financeiro" e mentor da extrema direita no Brasil (TELESUR, 2018; REUTERS, 2018) mas que ao longo do tempo revelou-se espalhador de notícias falsas, que até ofereceram risco à democracia brasileira (GLOBO, 2021).

Neste contexto, a China se vê numa obrigação moral de apresentar a verdade e recuperar sua imagem, tão vilipendiada. O país, tradicionalmente apoiador dos mecanismos multilaterais, como a ONU e a OMS, tem ação democratizadora dentro deles. Neste sentido, compartilhar vacinas, insumos médicos e equipamentos de proteção é também viabilizar o seu acesso tendo em vista uma concepção sistêmica de humanidade como comunidade de futuro compartilhado. Muito antes de Joe Biden fazer qualquer menção sobre disponibilizar vacinas, a China já havia declarado que as vacinas chinesas seriam bem público universal.

Em certo sentido, a saída de Donald Trump e ascensão de Joe Biden a partir de 2021 não foram suficientes para arrefecer o clima animoso entre EUA e China. Em agosto de 2022 houve a visita da congressista Nancy Pelosi a Taiwan, mas desde o início do mandato dos Democratas houvera declarações polêmicas, como e de Pete Buttigieg, Secretário de Transportes dos EUA. Aqui ele expõe o ponto nevrálgico da sinofobia dos novos tempos. Em vídeo, ele declara:

"Não é nada contra cidadãos chineses, não, mas não estou contente que um cidadão chinês possa contar com um padrão infinitamente melhor de, digamos, viagem de trem, do que um cidadão dos EUA" (Pete Buttigieg apud EUA. Casa Branca, 2021, tradução nossa)⁴

É uma concepção de que chineses não têm direito a ter nada melhor que os estadunidenses, numa mentalidade que não consegue se libertar da competitividade, como se ter algo pior que os dos chineses fosse inadmissível.

Estes são sinais de uma relutância estadunidense em aceitar mudanças estruturais na economia mundial que já estão em curso. RAPP e O'KEEFE (2022) apontam que até 2030 a China será a economia número 1 do mundo. Seu formidável desempenho causa resistência nos EUA, que passam a usar conjunturas como a pandemia como pretextos para atacar a China. Propagam que a China será uma liderança hegemônica, como a ocidental, mas estão falhando em perceber que a nova configuração geopolítica se desenha como multipolar.

O governo brasileiro: ações anti-china

Em linhas gerais, a política externa brasileira pós 2018 caracterizou-se por um alinhamento ao então presidente estadunidense Donald Trump, o que, em 2020, com a vitória de Joe Biden, revelou-se uma péssima estratégia, já que o governo Bolsonaro ficou, a partir de então, isolado no mundo. Ademais, ao dar as costas para o Mercosul, o governo Bolsonaro também abriu mão de seu protagonismo na região, desistindo, assim, do fortalecimento do próprio Brasil. Além disso, ao sabotar os BRICS, o governo brasileiro afastou o mundo de uma configuração multipolar. Temerariamente, o governo brasileiro desrespeitou o

⁴ *It's nothing against Chinese citizens, but I'm not content that a Chinese citizen can count on a dramatically better standard of, let's say, train travel than a U.S. citizen* (THE WHITE HOUSE, 2021, no original).

seu maior parceiro comercial, a China, quando Eduardo Bolsonaro se declarou a favor da independência de Taiwan, e o ministro das relações exteriores, Ernesto Araújo, associou a China ao vírus, ainda atacando, durante o processo, o regime socialista ao usar a expressão "comuna vírus".

Eurocêntrica em sua essência, a política externa brasileira contribuiu para a disseminação do vírus em território nacional. Além do negacionismo em relação à doença e descrédito em relação às vacinas, descaso em relação à cidade de Manaus-AM e casos de corrupção na compra de vacinas (todos os casos foram investigados na CPI da covid-19), logo em 2020 um fato emblemático havia chamado a atenção. Ainda que com muita má vontade, o governo resgatou brasileiros que estavam na cidade de Wuhan. Ao chegarem ao Brasil, passaram por uma rígida quarentena em Goiás. Enquanto isso, voos chegavam dos EUA e Europa, e seus passageiros entravam livremente, sem quarentena ou inspeção. Resultado: o paciente zero da covid-19 no Brasil veio, em 25 de fevereiro de 2020, da Lombardia, Itália, e não da China. Posteriormente, a Europa e os EUA mostraram sua ingerência sobre a pandemia nos meses que se seguiram, ao passo que a China conseguiu manter níveis controlados de transmissão e óbitos (que até 2023 ficaram na casa dos 120.000 num país de 1,4 bilhão de habitantes). Entretanto, a má vontade da imprensa sobre a China continuou.

Mais de um ano depois, a 27 de abril de 2021, o ministro da economia, Paulo Guedes, fazia um discurso reclamando que os brasileiros viviam demais. E foi nesta mesma ocasião que o ministro teceu comentários desfavoráveis à China (VARGAS, 2021). Em resposta, Yang Wanming, então embaixador da China no Brasil, em 28 de abril de 2021, publicou em seu Twitter:

"Até o momento, a China é o principal fornecedor das vacinas e os insumos ao Brasil, que respondem por 95% do total recebido pelo Brasil e são suficientes para cobrir 60% dos grupos prioritários na fase emergencial. A Coronavac representa 84% das vacinas aplicadas no Brasil" (YANG W., 2021).

Em 5 de maio do mesmo ano, o presidente Bolsonaro culpou a China por ter tido crescimento positivo do PIB de 2020 (em meio a desempenhos pífios das principais economias mundiais), e reforçou a acusação de que o país asiático havia criado o vírus (MILITÃO, 2021). Há que se lembrar, entretanto, que se tratava de um presidente acuado, pressionado pela CPI da covid-19, talvez por isso buscando chamar a atenção para outros possíveis culpados. Com efeito, a 6 de maio de 2021, a China cancelou o envio de insumos médicos que vinha mandando ao Brasil. Assessorado pelo médico Osmar Terra, o presidente tinha uma concepção de que o amplo contágio conferiria à população imunidade. Assim, este cancelamento acabou indo ao encontro de seus propósitos. De qualquer maneira, os anos Bolsonaro foram de frequente criação de tensões com a China, que vinham a atender certos propósitos do governo, que, por sinal, nunca eram colocados de forma transparente.

A China assertiva

A desinformação prejudica a parceria sino-brasileira. Além de inviabilizar o diálogo, mina a confiança entre os países. O quadro se agrava pelo fato de o Brasil ainda não contar com suficientes quadros preparados para lidar com o seu maior parceiro comercial. A China, ainda que com poucos especialistas, está trabalhando para um número crescente de novos quadros em formação. Notícias falsas e discursos sinofóbicos precisam ser desconstruídos e desmentidos. Isto é um importante ponto de partida para a priorização do interesse nacional do Brasil, uma vez que os estereótipos são alimentados para minar a relação do Brasil com um parceiro tão importante. Habitados a esse tipo de tratamento, os chineses são historicamente pragmáticos, nunca tendo exigido um alinhamento ideológico de seus países parceiros.

Com uma histórica política internacional discreta, a China tem, até recentemente, evitado a todo custo a confrontação e deixando passar muitas provocações externas. Os chineses têm uma tradicional cultura de preservação de face, ou *mianzi*, e por

isso, para eles, qualquer envolvimento em conflitos ou críticas é desconfortável e evitado ao máximo. Recentemente, entretanto, a paciência chinesa parece ter se esgotado.

Na diplomacia do Twitter, membros do corpo diplomático chinês reagem assertivamente, como o famoso Chen Weihua, ou o ex-cônsul da China na cidade do Rio de Janeiro, Li Yang, e muitos outros. Abandonam a postura sutil e põem em prática a chamada "diplomacia do lobo guerreiro", em referência a filme homônimo de 2017 dirigido por Wu Jing (*Lobo Guerreiro 2*, 2017) que descreve conflito contra mercenários estadunidenses. Consciente da magnitude da posição que agora ocupa no mundo, a China procura agir de acordo. É uma confiança que o presidente Xi Jinping tem, o que se reflete na política, na diplomacia e na cultura.

Depois da quantidade de ataques e notícias falsas sobre a China, Li Yang (2021a), então cônsul da China no Rio de Janeiro, sentiu a necessidade de esclarecer alguns pontos, sobretudo sobre os EUA, a maior fonte de ataques midiáticos sobre o país asiático. Com o sugestivo título de "Ninguém quer tirar dos Estados Unidos o título de 'campeão mundial'!", o artigo desfila dados de grandes desgraças da humanidade lideradas pelos EUA. O cônsul oferece números estadunidenses, concernentes a mau gerenciamento da covid-19, envolvimento em guerras e armamentismo, extermínio de indígenas, racismo e violência policial, mortes violentas, desigualdade e pobreza, narcotráfico e pornografia, dessa forma mostrando que, em primeiro lugar, não há país que possa se colocar na posição de farol da moral. Assim, o diplomata questiona qual seria a intenção da sinofobia – e a partir daí vai atingir um ponto central da questão.

A intenção da sinofobia é claramente dividir a China. É previsto que até 2030 a economia chinesa se torne a número 1 do mundo. Os EUA, temendo tais prospectos, fazem o que está a seu alcance para tentar impedir a concretização das previsões. Assim, dividida, a China não pode ser a número 1. Por não tolerar o crescimento chinês, as potências ocidentais incitam e fomentam movimentos separatistas em Taiwan, Hong Kong, Xinjiang e Tibet, além de fabricar e espalhar boatos. Com a Belt and Road

Initiative (BRI), ou Iniciativa Cinturão e Rota, a China leva a cabo uma propositiva política internacional desde 2013. Os países ocidentais se ressentem da BRI, que já liga a China a 138 países. Obviamente, à medida que compete com o Banco Mundial e o FMI, a BRI é constantemente difamada. O esforço de Li Yang (2021) é oferecer a verdade sobre os fatos, caracterizando o tratamento recebido pela China como um verdadeiro *bullying ocidental*. A China tem enfrentado forte reação porque sempre democratizou o multilateralismo, valorizando o ganho mútuo e ressaltando a humanidade como comunidade de futuro compartilhado.

Conclusões

Não só chineses, mas asiáticos como um todo estão correndo risco em diversos países por causa da onda de sinofobia. Antigamente, a sinofobia era gerada por teorias de superioridade branca, hierarquização de raças, e a hostilidade era voltada aos trabalhadores (como nos EUA, Chile, Cuba), ou à bem-sucedida burguesia comercial chinesa (como nos casos do México e Indonésia). Enfim, já no século XIX falava-se do chamado "perigo amarelo". Na ciência, o processo do Orientalismo (Said, 2003) contribuiu para o processo.

Os particulares modos chineses de ver o mundo adicionam complexidade à questão. Historicamente, os ocidentais eram vistos como bárbaros. Contemporaneamente, como ressalta Steinhagen (2020-2021), a China tem uma visão homogeneizante ocidental resumida na expressão *Oumei* (uma espécie de híbrido transatlântico entre Europa e América). O racismo dentro da China, por sua vez, sobretudo contra africanos, é uma questão tão patente que pode ser manifesta abertamente sem qualquer constrangimento, punição legal ou mesmo admoestação por parte da sociedade. Já nos países que receberam asiáticos como imigrantes, o grupo se firmou como "minorias modelo": ao mesmo tempo sofrendo racismo e reforçando preconceito contra negros.

Hoje em dia, a sinofobia tem novas motivações. Uma é circunstancial e a outra é de caráter estrutural. A motivação

circunstancial se dá quando os chineses são colocados na posição de culpados pela pandemia de covid-19. Embora circunstancial, torna-se oportuno para certos setores quando levada adiante como pretexto para aumentar a desconfiança e conectar-se ao fator crucial a seguir. A perspectiva de a China se tornar a economia número 1 do mundo em poucos anos gera reações nada amigáveis. Ainda que a China nunca tenha adotado em sua história um estilo de liderança que seja hegemônica, a grande novidade é uma nação não-branca e não-ocidental a desbancar a liderança da Europa e dos Estados Unidos juntos. Conseqüentemente, os EUA fazem pressão contra a BRI, buscam desacreditar a vacina chinesa e a tecnologia 5G deste país. Num mundo multipolar em nascimento, a sinofobia está hoje intimamente ligada à russofobia, à irãfobia, dentre outras, sempre ligadas a nações com potencial de compor polos de equilíbrio de poder entre as nações.

Comportando-se como um Estado cliente dos EUA, o Brasil ignora sua própria soberania e embarca na onda da sinofobia, com consequências nocivas para a própria economia do país e, mais grave ainda, riscos à vida de asiáticos que aqui residem. Ironicamente, quando o Brasil promove o preconceito, oferece também a permissão para que outros países o discriminem também. A China conseguiu conter com sucesso a pandemia. Tem 1,4 bilhão de habitantes e por volta de 120.000 mortes por covid-19. A população brasileira é sete vezes menor e as mortes por esta enfermidade no país sul-americano aproximam-se de 700 mil. A questão é como o Brasil está sendo visto pela comunidade internacional, e mesmo por seus vizinhos. Outra pergunta é quem hoje representa perigo para os vizinhos e outros países. Comportar-se como um satélite dos EUA, promovendo um tipo de Trumpismo de segunda linha, está custando caro ao Brasil.

Assim como o Brasil, a China é um país em desenvolvimento, e justamente por isso a questão do estereótipo os atinge tão fortemente. Enquanto isso, estereótipos sobre potências consolidadas raramente as tiram da posição de poder porque sempre existem outras narrativas a seu respeito, que lhe conferem reputação. Por outro lado, um estereótipo sobre o Brasil ou sobre

a China, por exemplo é muitas vezes a única história que se tem sobre estes lugares. É o conhecido mal da "história única", sobre o qual Adichie (2019) alerta, ao falar do racismo. Se há em certa medida histórias falsas e concepções errôneas sobre o Ocidente, nada disso se compara ao que existe sobre o Oriente, África e América Latina como um todo. Não há uma máquina hegemônica produtora de estereótipos sobre os países ricos, ao passo que sobre os países em desenvolvimento e seus governos, é só o que existe. Basta uma história falsa, e um dano irreversível está feito.

Referências

ADICHIE, C.N. **O Perigo de uma História Única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CARVALHO, B. Uma idéia do outro mundo. **Jornal Folha de São Paulo**, 18 de janeiro de 2005, p. E10.

CENTERFORAMERICANPROGRESS. **Wealth Inequality Among Asian Americans Greater than Among Whites**. Washington-DC: Center for American Progress, 20 de dezembro de 2016. Disponível em: [Wealth Inequality Among Asian Americans Greater Than Among Whites - Center for American Progress](#). Acesso em: 31 jan. 2023.

CENTER FOR THE STUDY OF HATE AND EXTREMISM. **Anti-Asian Hate Crime Reported to Police in America's Largest Cities: 2019 & 2020**. San Bernardino-CA: Center for the Study of Hate and Extremism – Cal State San Bernardino, 2020. Disponível em: [FACT SHEET- Anti-Asian Hate 2020 rev 3.21.21.pdf \(csusb.edu\)](#) . Acesso em: 15 dez. 2022.

CHOU, R.S.; FEAGIN, J.R. **The Myth of the Model Minority: Asian Americans facing racism**. Baltimore: Paradigm, 2008.

CZEPULA, K. Na área jornalística: Gazeta de Notícias versus O Cruzeiro, um debate sobre a imigração chinesa na corte do império (1879), In: PORTO; A. C. C.; BUENO, A.; CZEPULA, K.; PERES, V. H. L. **Chineses no Brasil, Brasileiros na China: Trajetórias em Movimento**. Rio de Janeiro: UERJ, 2022, p. 53-73.

DEZEM, R. **Matizes do Amarelo: A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil 1878-1908**. São Paulo: Humanitas.

EUA. Casa Branca **Press Briefing by Press Secretary Jen Psaki and Secretary of Transportation Pete Buttigieg, April 9, 2021**. Washington-DC: James S. Brady Press Briefing Room, 2021. Disponível em: <https://www.whitehouse.gov/briefing-room/press-briefings/2021/04/09/press-briefing-by-press-secretary-jen-psaki-and-secretary-of-transportation-pete-buttigieg-april-9-2021/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

GLOBO. Citado pela PF, ideólogo de Trump propaga fake news sobre urnas eletrônicas. **Jornal Extra/ Globo**. 18 de agosto de 2021. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/citado-pela-pf-ideologo-de-trump-propaga-fake-news-sobre-urnas-eletronicas-25160448.html> . Acesso em: 09 dez. 2022.

HALL, E. T. **Beyond Culture**. New York: Anchor Books, 1976.

HOROWITZ, J. Italy announces restrictions over entire country in attempt to halt coronavirus. **The New York Times**, 09 de março de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/09/world/europe/italy-lockdown-coronavirus.html>. Acesso em: 15 dez. 2022.

JULLIEN, F. **Tratado da Eficácia**. São Paulo: Editora 34, 1998.

LEITE, J. R. T. **A China no Brasil. Influências, marcas, ecos e sobrevivências chinesas na sociedade e na arte brasileiras**. Campinas-SP: UNICAMP. 1999.

LESSER, J. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001.

LESSER, J. **A invenção da brasilidade: Identidade nacional, etnicidade e políticas de imigração**. São Paulo: Editora Unesp, 2015.

LI Y. Por que alguns ocidentais gostam de espalhar rumores sobre Xinjiang. **Revista Intertelas**, 29 de março de 2021. Disponível em: <https://revistaintertelas.com/2021/03/29/porque-alguns-ocidentais-gostam-de-espalhar-rucores-sobre-xinjiang-recentemente-li-yang-consul-geral-da-china-no-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 09 dez. 2022.

LI Y. Ninguém quer tirar dos Estados Unidos o título de ‘campeão mundial’!. **Revista Intertelas**, 28 de abril de 2021a. Disponível em: <https://revistaintertelas.com/2021/04/28/ninguem-quer-tirar-dos-estados-unidos-o-titulo-de-campeao-mundial-li-yang-consul-geral-do-rio-de-janeiro/>. Acesso em: 09 dez. 2022.

LOBO Guerreiro 2. Direção: Wu Jing. Beijing: Deng Feng International Media, China Film Group, Bina Films, Beijing Culture. 2017 (121 min.).

MELLO E SOUZA, L. **O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

MILITÃO, E. Sem provas, Bolsonaro cita vírus de laboratório e lança dúvida sobre a China. **UOL**, 05 de maio de 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/05/bolsonaro-virus-china.htm>. Acesso em: 16 dez. 2022.

MONTERO, P. Globalização, identidade e diferença. **Revista Novos Estudos CEBRAP**, n. 49, novembro de 1997.

PEIXOTO, R. A. J. R. **Avaliação projetada no discurso de chineses e de brasileiros: simulacros culturais**. Tese (Doutorado em Letras) — Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 185. 2019.

PERES, V. H. L. Os 'chins' para o Norte do Brasil: propostas e debates entre a introdução e a adoção da mão de obra chinesa no século XIX. In: PORTO; A. C. C.; BUENO, A.; CZEPULA, K.; PERES, V. H. L. **Chineses no Brasil, Brasileiros na China: Trajetórias em Movimento**. Rio de Janeiro: UERJ, 2022, p. 75-96.

PETTERSEN, W. Success Story, Japanese-American Style. **The New York Times**, 09 de janeiro de 1966. Disponível em: Success Story, Japanese-American Style; Success Story, Japanese-American Style — The New York Times (nytimes.com). Acesso em: 31 de janeiro de 2023.

QIN, A. China may be beating the coronavirus, at a painful cost. **The New York Times**, 07 de março de 2020. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2020/03/07/world/asia/china-coronavirus-cost.html>. Acesso em: 03 out. 2020.

RAPP, N.; O'KEEFE, B. This chart shows how China will soar past the U.S. to become the world's largest economy by 2030. **Fortune**, 30 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://fortune.com/longform/global-gdp-growth-100-trillion-2022-inflation-china-worlds-largest-economy-2030/>. Acesso em: 31 jan. 2023.

REUTERS. Steve Bannon endorses far-right Brazilian presidential candidate. **Reuters**. 26 de outubro de 2018. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-brazil-election-bannon-idUSKCN1N01S1> . Acesso em: 09 dez. 2022.

Said, E. **Orientalism**. New York: Vintage Books, 2003.

SAYURI, J. O mito da minoria modelo. **Revista Vice**, 07 de fevereiro de 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/pt/article/787gka/o-mito-da-minoria-modelo> . Acesso em: 31 jan. 2023.

SILVER, L.; DEVLIN, K.; HUANG, C. **Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries**. Washington-DC: Pew Research Center, 2020. Disponível em: Unfavorable Views of China Reach Historic Highs in Many Countries | Pew Research Center. Acesso em: 23 nov. 2022.

STEENHAGEN, P. Narrativas políticas na pandemia e o re-crudescimento do preconceito com a China. **Jornal Janus**, 2020-2021, p. 90-91. Disponível em: https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/4947/3/Janus_20_2_09_PS.pdf. Acesso em: 16 dez. 2022.

STOP AAPI HATE. **Two Years and Thousands of Voices: What Community-Generated Data Tells Us about Anti-AAPI Hate**. San Francisco-CA: Stop AAPI Hate, 2022. Disponível em: <https://stopaapihate.org/wp-content/uploads/2022/07/Stop-AAPI-Hate-Year-2-Report.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TELESUR. Brazil: Steve Bannon to advise Bolsonaro's presidential campaign. **Telesur English**. 15 de agosto de 2018. Disponível em: <https://www.telesurenglish.net/news/Brazil-Steve-Bannon-to-Advise-Bolsonaro-Presidential-Campaign-20180815-0003.html>. Acesso em: 09 dez. 2022.

VARGAS, M. Guedes diz que 'chinês' criou vírus e desenvolve vacinas piores que as dos EUA. **UOL**, 27 de abril de 2021. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2021/04/27/guedes-diz-que-chines-criou-virus-e-desenvolve-vacinas-piores-que-as-dos-eua.htm>. Acesso em: 16 dez. 2022.

WU, E. **The Color of Success: Asian Americans and the Origins of the Model Minority**. Princeton e Oxford: Princeton University Press, 2014.

YANG, A.C.Y. **O comércio dos "coolie" - 1810/ 1920**. Dissertação (Mestrado em História) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 104. 1974.

YANG W. Publicação no **Twitter**, 28 de abril de 2021. Disponível em: <https://twitter.com/WanmingYang/status/1387188830537662466>. Acesso em: 16 dez. 2022.

Entidade Ibrachina - Instituto Sociocultural Brasil China: <https://www.ibrachina.com.br/>

Páginas de comunidades asiático-brasileiras**No Facebook:**

Yo Ban Boo: https://www.facebook.com/YoBanBoo/?fref=pb&hc_location=profile_browser

Estudos Asiático-Brasileiros: <https://www.facebook.com/groups/540209652761976/>

Instituto Confúcio no Brasil: <https://www.facebook.com/groups/mandarim.brasil/>

Perigo Amarelo: <https://www.facebook.com/perigoamarelo/>

Asiáticos pela Diversidade (Comunidade LGBTQI+ asiática):
<https://www.facebook.com/asiaticosdiversidade/>

Canais no YouTube:

Yo Ban Boo: https://www.youtube.com/channel/UCmPMXwu814q8IDOd_OTx26Q

Normose: https://www.youtube.com/@Normose_